

TEMPLO DE CANON.

No Japão e na India ha monumentos religiosos muito mais celebres e reverenciados uns do que outros, e onde se vae de romaria como os musulmanos a Meca. De alguns do imperio do Japão já temos fallado n'este mesmo volume. De ordinario são edificados fora do recinto das cidades, sobre eminencias nos mais bellos sitios, e precedidos de magestosas alamedas de cyprestes.

Na entrada estão de ordinario collocados os dois cães Koma-inu, e ante o santuario de Ten-sio-dai-sin, os seus dois companheiros Fino-o (rei do fogo) e Mitza-o (rei da agua); as imagens d'estes dois personagens são levadas em todas as procissões feitas em honra da deusa. Porém, no interior nenhum idolo se vê, nem figura que se presume representar o Ente Invisivel e Supremo, postoque em muitos se conserve dentro de uma caixa uma pequena imagem, que é de alguma divindade secundaria, á qual foi consagrado o edificio. Frequentemente põem no centro do templo um grande espelho de metal polido, que tem por objecto lembrar aos devotos que assim como as maculas do corpo se retratam fielmente no espelho, os defeitos da alma não podem esconder-se á vista penetrante dos immortaes. O soalho é coberto de esteiras de palha. Para o serviço de cada templo ha uma grande multidão de padres, cujas funções se limitam a manter o aceio no logar santo, acender as alampadas e cirios, e renovar as flores e incenso.

São numerosissimos no Japão os templos, e lhes chamam *mias*; no tempo do viajante Koempfer havia nada menos de vinte e sete mil e setecentos, contando sem duvida as capellas dependentes dos templos principaes; ainda que de simples construcção, não deixam de formar, juntamente com as habitações dos sacerdotes, edificios mui vastos; e consistem em muitos aposentos e corredores, apresentando o frontispicio portas e janellas, que se podem tirar quando se queira.

Os tectos tem de cada lado um corpo saído para fora e sufficiente para formar uma galeria que rodeia o templo, debaixo da qual o povo passeia. Um dos mais antigos, porém ao mesmo tempo um dos mais pequenos d'aquelle imperio, é o de Isia, consagrado á divindade suprema Ten-sio-dai-sin; está quasi a cair de velho, apesar do cuidado que tomam em o escorar; attrahe prodigiosa quantidade de peregrinos, porque tanto homens como mulheres devem fazer esta romaria uma vez na vida, seja em que idade fôr, e muitos devotos a fazem todos os annos.

Sem repetirmos o que temos escripto largamente n'outras partes d'esta collecção a respeito da religião de Budha, basta recordarmos que nas suas divindades figuram, em primeira ordem, o deus Amida ou Xaca, e seu filho Canon; a este ultimo é dedicado um dos templos mais notavels do Japão, sito proximo de Osaka, edificio elegante, cercado de jardins magnificos, e servido por duzentos pa-

dres, que todos habitam nas dependencias do templo.

M.

EPISODIOS DE UMA VIAGEM.

I

Bordejavamos em gaceas, papa-figos e joanetes, sob o abrasador sol do Equador; ainda estava á vista a formosa ilha de S. Thomé, d'onde havíamos largado, algumas horas antes, com destino a Loanda; e com uma fraca aragem do sudoeste, nos afastávamos vagarosamente da terra.

O mar parecia um espelho; no ceo não se enxergava uma só nuvem; o ar era tepido, como costuma ser n'estas paragens, sempre que não ha ventania; e as anteparas do navio rangiam compassadamente ao doce embate da agua contra o costado.

A marinagem encostava-se pelas amuradas, bocejando, e a officialidade conversava pouco ruidosamente em volta do cabrestante, quebrada tambem pela molleza que aquella atmospherá abafadiça communicava aos corpos.

O commandante, de pé sobre o degrau do catavento, olhava, ora para o horisonte, d'onde esperava vento mais fresco e mais largo, ora para a terra, que tão lentamente, para os seus desejos, se ia apartando de nós.

Navegávamos de bolina cerrada, com a amura a estibordo, fazendo proa de susoeste, e a barquinha indicava que o navio apenas seguia duas milhas e meia por hora, prometendo á tripulação uma noite de sosago, d'essas noites fastidiosas para o homem do mar, quando não vem depois de muitos dias tempestuosos.

Um successo inesperado, ainda que insignificante na apparencia, veio de repente acordar a guarnição, que parecia entorpecida pelo somno; era a voz do contramestre, que vigiava á proa, transmittindo a todo o navio uma noticia importante para o nauta:

— Ahi vaé uma garrafa lacrada, por estibordo!

O commandante olhou immediatamente para o mar, e viu com effeito a botelha, que continha em si, talvez, a historia de um naufragio, de uma descoberta, ou de uma revolta a bordo; sem perder tempo, como é mister em todas as manobras navaes, bradou para o timoneiro:

— Orça! . . . de ló todo o leme!

E logo, volvendo-se para a chusma, acrescentou com voz clara e vibrante:

— Carrega papa-figos. . . chega muita gente para os estingues. . . Vá. . . ligeiro!

N'um momento, os moitões rangiam com o attrito dos cabos, e a vela grande e o traquete subiam, franzindo-se, como um panno de theatro.

— Larga bolinas de ré, proseguiu o commandante, ala braços, grande e gavea a bombordo. . . Olha o que pega n'esse joanete! . . . Bom; assim; volta. Arria a escota á bujarrona!

E o brigue perdeu instantaneamente o pouco seguimento que levava.

— Arria um escaler, continuou ainda o capitão; salta quatro homens ali. . . Senhor tenente, acrescentou, virando-se para mim, salte tambem, e tragam aquella garrafa.

De um pulo estava dentro do escaler, e quatro forçosos remadores o faziam vogar com ligeireza na direcção do fragil vidro, que talvez já houvesse arrotado com cem temporaes. Mal se enxergava a espa-

ços, apesar do espelhado das aguas, porque o tempo necessario para executar a manobra de *atravessar*, posto que levada a effeito com promptidão, sempre nos afastara bastante do mysterioso viajero.

Começava a escurecer, e todos sabem como n'estas lattitudes a noite succede ao dia, quasi sem interrupção crepuscular — essa tão saudosa hora da tarde nas zonas temperadas! — As trevas desciam como um funereo crepe sobre os horisontes, e tingiam de azul ferrete a superficie do mar, escondendo-nos de todo a procurada garrafa.

O navio tambem já nos ficava longo; porém o commandante que seguia com a vista o escaler, mareou novamente, e virou de bordo, navegando com pouco panno em direcção a nós.

Isto animou-nos a não desistir da caça. Guinada para bombordo, guinada para estibordo, lá fomos buscando, por entre as sombras da noite, aquelle pequenino objecto, perdido nas solidões do oceano. A empresa, cômudo, era já muito difficil.

Afinal o brigue aproximou-se de nós por estibordo, e quando já mais descoroçados estávamos de alcançar o fim proposto, ouvimos o commandante, bradando pelo porta-voz:

— Ó do escaler! Rema de bombordo, cêa de estibordo, que a garrafa está aqui pelo travez do brigue.

E nós logo executando a manobra ordenada.

— Assim, continuou o capitão, direito ao portalló. . . Ella ubi está! . . .

De feito, a botelha repava pelo escaler; lancei-lhe a mão, e confesso que poucas vezes tenho tido igual alegria á d'esse momento. — Aqui dentro está um romance tenebroso! dizia eu comigo mesmo, apertando a garrafa com ambas as mãos, e impaciente por me ver a bordo do brigue, e fazer cair o veo d'este mysterio.

Se não fosse a vista experimentada de um marítimo de profissão, com o poderoso auxilio de um oculo de noite, a garrafa não teria sido enxergada de bordo do navio, e muito menos do escaler que, mais raso com as vagas, não podia alcançar tão longe, e já ia fora do necessario rumo.

Em tal caso, quantos annos andaria ainda sobre as ondas aquelle silencioso nadante, ou se iria quebrar-se nas agudas pontas de algum rochedo deserto, sumindo na voragem do oceano, para sempre, talvez uma historia importante, talvez a explicação de um enigma marítimo!?

Quando atraquei a bordo, fui recebido ao portalló por todos os officiaes, que estavam ansiosos por ver o curioso achado; alguns queriam mesmo ali quebrar a garrafa, e conhecer o seu conteudo. Entendi porém que devia entregal-a intacta ao commandante, e corri para a pópa do navio.

O capitão ordenava que içassem o escaler, para o que mandara de novo *atravessar*. Depois, cedendo o logar do catavento ao official seu immediato, disse-lhe que em estando o escaler nos turcos, pozesse na outra amura, e orçasse o que o vento desse. Em seguida dirigiu-se á luz da bitacula, e pegando na garrafa com certa emoção, quebrou-lhe o gargalo com uma malagueta de ferro, apparecendo então a descoberto a extremidade de um rolo de papeis, perfeitamente bem conservados.

Officiaes, marinheiros, soldados, cercavam o commandante, em religioso silencio, anhelantes por ouvir ler aquelle manuscripto, e phantasiando de antemão mil historias, a qual mais lugubre e pavorosa.

O capitão tirou vagarosamente o rolo de papeis de dentro da garrafa, e antes de cortar o fio-de-vela que o enlaxava, disse, sorrindo:

—E se isto estiver escripto em lingua que nenhum de nós entenda?

—Ler-se-ha em terra, respondi eu; todavia ha a bordo quem conheça os principaes idiomas da Europa.

—Ora vejamos se nos sae chim ou siamez...

E dizendo isto, o commandante desenrolou os papeis, e achou no topo da primeira pagina estas palavras em portuguez clarissimo:

«Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo para sempre!»

—Amen! Acrescentou o capitão; e sentando-se sobre um paiol volante (dos que costuma haver, com polvora, na tolda)—Graças a Deus que todos nós entendemos este idioma, disse ainda com ar risonho; e mudando em seguida de modo e de entonação, começou a ler, com gravidade, o manuscripto que tinha nas mãos, e que resava assim:

«Seja louvado Nosso Senhor Jesus Christo para sempre!»

Bordo da galera *Amazona*.
7 de março de 1831.

«Eu Carlos Antonio Pedroso, segundo piloto d'esta galera, e hoje, e talvez por poucas horas, seu unico tripulante, vou escrever a minha confissão geral, que depois confiarei ás ondas, e peço a quem quer que encontrar este manuscripto lhe dê a possivel publicidade, para que as orações dos fieis me livrem do purgatorio, já que não tenho aqui um sacerdote que me deite a absolvição.»

Em quanto o commandante voltava a primeira folha, que não continha mais do que este curto prologo, os marinheiros tiravam successivamente os chapéos, e resavam em voz baixa o seu *pater pela alma* do piloto.

Logo depois o capitão proseguiu a leitura n'estes termos:

«Nasci na rua da Paz, em Lisboa, e morrerei, provavelmente, no oceano, entre 9 e 10 graus de latitude sul, e em 23 graus, proxivamente, de longitude a oeste de Greenwich, posição em que me supponho, pela altura que tomei ao meio dia, e a *derrota estimada*.

«Ai! porque não seguiria eu o conselho d'aquelles bons parentes que me queriam para frade, ou pelo menos para clérigo? Estaria agora descansado na Graça ou na Trindade, resmungando o meu latim, e sem perigo de me ver d'aqui a pouco com a barriga cheia d'agua!»

«Deus já o tinha destinado assim. Conformemo-nos pois com a sua divina vontade, e tratemos de confessar ao mesmo poderoso Senhor, e aos homens tambem, todos os peccados de uma vida de trinta annos.

«Theresinha! Theresinha! Doce companheira da minha juventude, que ias ser minha esposa, á volta d'esta viagem—como te consolarás da minha perda? Ai, que morres solteira de certo!»

«Meu bom irmão Paschoal, quem te servirá de arrimo quando venhá a faltar-te o nosso bom pae, e a nossa santa mãe, que já estão tão velhinhos!»

«Oh! como custa a deixar a vida aos trinta an-

nos, quando nos ficam tão fundas raizes no mundo! O coração parte-se de dôr, antes que chegue a fatal hora do passamento.

«A situação em que me vejo, é por força castigo dos muitos peccados que commetti. Primeiro: aquelle lenço de seda, que eu vi cair na rua, e que apanhei, guardando-o, em vez de o restituir a seu dono.

Pequei contra o mandamento da lei de Deus que ordena—não furtar.

Segundo: Aquella criada tão novinha que eu tive em casa, e que seduzi com promessas de casamento... Foi outra infracção dos preceitos divinos; pequei contra o sexto mandamento!

«Matar, isso não, nunca matei! Mas desejar a mulher do proximo, cubiçar coisas alheias, mentir... n'esses pontos pequei tambem; sou um grande peccador!»

«Porém confesso tudo; arrependo-me; e peço perdão a Deus, e a toda a gente que offendi. A minha ultima diligencia, n'este transe, é salvar a alma, por que o corpo, já agora, vae ser mantimento dos peixes.

«E quantos tubarões andam já em roda da galera, como se adivinhassem que tem presa certa aqui! E sentir-se um homem cheio de vida, e contemplar o brilho de um dia encantador, como eu estou vendo, e dizer: A agua sobe uma polegada em cada hora, portanto d'aqui a quatro horas terá vencido as escotilhas, e espalhar-se-ha pela tolda, não tardando em afundar o navio.

«E tudo está dito: subirei ainda acima da amurada; treparei depois a esse resto do mastro grande, mas a galera continuara a mergulhar-se no abysmo, e eu ficarei enfim sem apoio, sobre as aguas, para cevar a gula de um tubarão.

«É preciso aproveitar o tempo se quero contar o resto da minha vida.

«Aprendi para piloto, e logo na primeira viagem em que embarquei de praticante, naufragou o navio nos baixos do Pará, e a custo me pude salvar n'uma jangada. Voltando a Lisboa, como passageiro, estive quasi resolvido a mudar de profissão, mas a instancias de um amigo, que era segundo piloto da *Resolução*, acceitei o logar de terceiro piloto na mesma barca, e fomos ver as barbas ao Adamastor. Além do Cabo revoltaram-se os degradados que conduziamos para Moçambique, e se não fossem os cestos de cal, com que os cegámos, o caso tornar-se-hia muito serio. Enfim chegámos a Goa, a salvamento, e na torna-viagem perdemos o leme no parcel das Agulhas, sendo obrigados a ir de *Esparrella* até á ilha de Bourbon, para metter novo leme. Já muito proximo de terra, caiu-nos um dos malditos tufões d'aquellas paragens, e deixou-nos rasos; armámos guindolas, e lá fomos a Deus e á ventura, não só buscar novo leme, mas novos mastros tambem.

«E ainda viemos a Lisboa! E a Theresinha tudo era dizer-me que não tornasse a sair... mas se isto do mar tem feitiço! Ajustei com a pobre rapariga que faria ainda uma viagem, e que na volta casaríamos; e eis-me embarcado como segundo piloto da *Amazona*, velha galera do tempo da *Grã-Cruz de Aviz*, e do *S. Domingos Eneas*, da *Asia Grande* e do *Grão-Careta*. Para que?... Para vir morrer aqui ao desamparo!»

«Largámos do Tejo a 5 de fevereiro, com destino ao Rio de Janeiro. Logo na altura da Linha começou o navio a fazer agua, e por nove graus sul caiu-nos uma trovoadá que fez rebentar os cabrestos do gurupéz.

«Partida esta chave do navio, a mastreação de proa tombou sobre a grande, e a grande sobre a da mezena, deixando a embarcação rasa. A agua cresceu, e tornou-se impossivel esgotal-a, porque se entupiram as bombas. A desesperação apoderou-se de toda a gente. Então, vendo o meu fim tão proximo, recolhi-me ao camarote, e bebi o resto da aguardente que tinha na frasqueira. Poucos minutos depois não considerava no perigo; estava a dormir profundamente.

«Quando acordei no dia seguinte, vi que a agua já começava a invadir-me o camarote; saltei ligeiro do beliche, e subi para a tolda... mas não encontrei nenhum dos meus companheiros! Corri furioso á borda, alonguei os olhos pelo horisonte, e enxerguei já muito longe uma vela que se afastava da *Amazona*... Gritei, acenei com o lenço; debalde: não podiam ver-me, nem ouvir-me, n'aquella distancia! Como a fera encerrada na jaula, percorri o navio em todas as direcções, lançando brados estrepitosos, e alfim deparei com estas palavras, escriptas em grossas lettras de giz sobre a *meia-laranja*.

A barca Amazona, de Lisboa, foi abandonada pela sua tripulação, hoje 7 de março de 1851, salvando-se toda a gente no brigue inglez Williams, que segue para o cabo da Boa Esperança.

«Salvou-se toda a gente! bradei eu, desesperado... E então o segundo piloto não é gente? Malvados!

«E escrevi em seguida estas palavras:

Não! Nem toda a gente foi salva. A infame tripulação da Amazona deixou a bordo, dormindo no seu beliche, o piloto Carlos Antonio Pedroso, condemnado a uma morte certa, e de incalculaveis tormentos!

«Ai! a agua acaba de arrombar as escotilhas, e derrama-se pelo convez... Está chegada a ultima hora!... E nenhum navio á vista... e o sol quasi a sumir-se no occaso!... Ai! Venha uma garrafa, metta-se-lhe dentro este papel, que servirá de corpo de delicto aos que me abandonaram traiçoeiramente; e depois de lançar ao mar esta confissão dos meus peccados, esperarei resignado a morte que se avizinha, pedindo perdão a Deus das offensas que lhe tenho feito, e aos homens um P. N. e uma A. M. pela minha alma.»

Quando acabou a leitura, não se sentia a respiração de nenhum dos ouvintes; o terror e a curiosidade os tinha como petrificado. Na verdade era uma historia horrorosa a que haviam escutado, duplamente horrorosa para o maritimo, que corria perigos semelhantes, sobre as taboas de fraco baixel.

—Se se encontraria o casco da galera, disse afinal um dos officiaes.

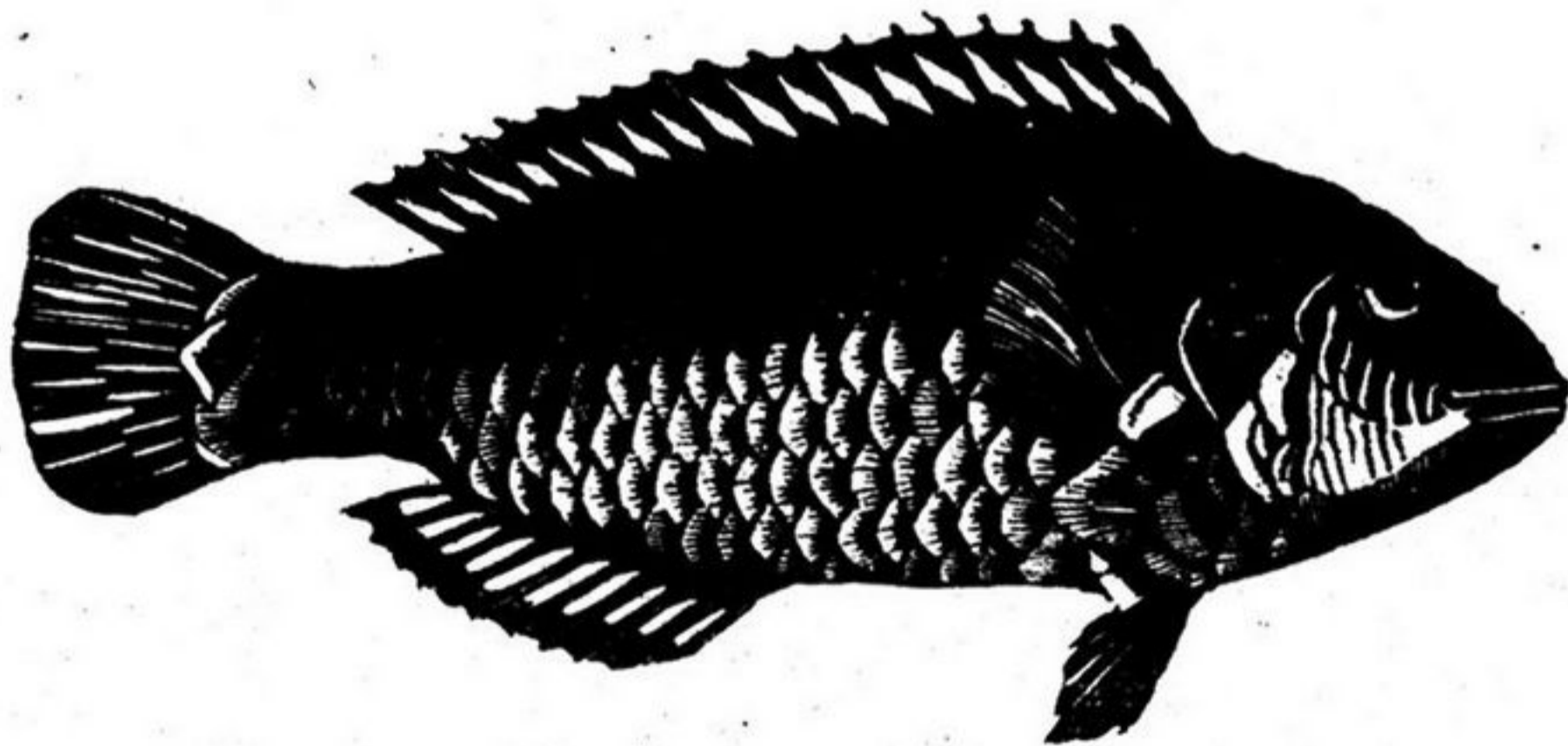
—E o cadaver do pobre piloto, accrescentou outro.

—Talvez fosse aquella *a!ma-do-mestre* que nos seguiu tantos dias, opinou um velho guardião.

—Tudo é possivel, interrompeu o commandante; porém agora, tratemos de nós. Chega para as obras, que aquella trevoada, que lá vem subindo de leste, promette muito vento. Ferra joanetes; arria a bujarona, iça a vela d'estay de proa... Carrega papa-figos, e a vela ré... Não toques em vento, timoneiro!... Driças de gavea na mão!... Contro o leme... Arria gaveas... ronda os braços... cheio!... cheio mais!... cheio todo!... Andar assim.

Continua.

F. M. BORDALO.



SCAURO DE CRETA.

Os sargos bastardos, cuja especie mais vulgar é o *scaurus viridis* eram muito estimados na antiguidade, cujos escriptores, tanto gregos como romanos, que trataram dos objectos naturaes, mencionam com especialidade o *scauro de Creta*, gabando-lhe a belleza das côres e o sabor mui delicado; descreveram minuciosamente os habitos d'este peixe, em verdade curiosos sendo exactas aquellas observações. Aristoteles em muitas passagens de seus livros falla da faculdade de ruminar, que teria o *scauro*, como muitos animaes terrestres; os autores, que repetiram esta asserção, acreditaram que o *scauro* do mesmo modo que estes se nutria de vegetaes, particularmente

de sargaços e algas, sendo tão guloso d'estas plantas, que os pescadores as empregavam como isca para apanhal-o, e tambem por isso se encontrava mais especialmente junto aos rochedos cobertos de plantas marinhas. Esta faculdade que lhe attribuiam explica-se, não porque se dê o caso de verdadeira ruminação como a dos quadrupedes de unha rachada, porquanto o estomago do *scauro* não offerece caracter que torne admissivel a identidade do phenomeno; mas porque examinando a forma e disposição de seus dentes comprehende-se que poderá fazer nas hervas de que se alimenta uma forte trituração.

Suidas escreveu que era facil conhecê-lo *pela voz*,

especie de som que emittia despejando com assobio a agua do mar que absorvera. Seleuco diz que este peixe tinha o habito de dormir de noite, e que só de dia se pescava.

A patria natural dos scauros era o Archipelago e os mares visinhos; no do Peloponeso se encontravam os maiores e melhores. Segundo Plinio, primitivamente só eram pescados no mar Carpathio, entre Creta (ilha de Candia) e a costa da Asia Menor; para lá do promontorio de Serton na Tronde já não se achavam. Vieram a ter tanta fama entre os gastronomos de Roma que o imperador Claudio mandou-os apanhar vivos em grande quantidade e lançal-os na costa entre o porto de Ostia e a Campania; houve o cuidado, por espaço de cinco annos, de tornar a deitar n'agua todos os que caíam nas redes, e desde então, (accrescenta Plinio) abundaram ao longo das costas d'Italia.

Em Roma reputavam o scauro o melhor de todos os peixes, e estimavam sobretudo os intestinos, como figados etc., e por isso punham empenho em o ter fresco, segundo se lê em Petronio. No famoso prato, que o imperador Vitellio denominou *escudo de Minerva*, entravam figados de scauro de mistura com os miolos de pavões e phaisães e ovas de moreia. As suas qualidades dieteticas não eram menos gaba-das do que o sabor delicado; inculcaram-n'o de facil digestão e por de extrema salubridade; e até o consideravam proprio para desafiar ou avivar o appetite, como as ostras na opinião dos comilões de agora.

Não ha peixe que mais conhecido fosse dos antigos e mais frequentemente mencionado em seus escriptos; e comtudo difficil é descobrir algum caracter para se distinguir entre os peixes que ora existem; o que mais se lhe aproxima é o sargo bastardo do mar de Creta, que a figura representa, de corpo oval e chato, escamas largas, focinho convexo, dentes como acima dissemos, e côres vivas, azul com vermelho, tirando a rosa só no ventre e a pardo e violete no costado, reforçando-se uma ou outra d'estas côres conforme a idade e tamanho dos individuos: d'onde procede que os turcos lhe chamam umas vezes peixe azul e outras peixe vermelho. Tem um sabor em parte de pescada e em parte de salmonete; ainda actualmente o comem de molho feito com o figado e mais interiores. Não é esta, porém, a unica especie do genero actualmente conhecido; outras muitas ha nos mares d'entre os tropicos, onde em razão das côres brilhantes os denominam peixes pagaios.

M.

UMA AVENTURA ROMANTICA N'UMA EPOCA DE PROSA.

A. A. X. R. CORDEIRO.

I

Este seculo não é evidentemente propicio aos Lovelaces. A industria, o vapor, e a economia politica, poderosos agentes de civilização que contribuem tanto para o bem da humanidade, são inimigos capitaes, algozes implacaveis da imaginação.

O sentimento existe do mesmo modo nas almas exaltadas, porém existe occulto aos olhos do mundo porque receia tornar-se ridiculo manifestando-se no meio de uma sociedade, que, submergida no mais completo materialismo, não vê senão o lado feio, torpe e vulgar das coisas. Depois as imagens illusorias,

os sonhos enganadores, as ficções encantadas que nos provam o espirito nos primeiros annos da juventude, desvanecem-se em breve, pelo fatal contacto do mundo positivo em que forçosamente temos de viver. O scepticismo era ha poucos annos ainda uma ostentação vaidosa dos que pretendiam ser promovidos a Faustos e a Renes: hoje, pelo contrario, existe no intimo da alma frio e silencioso. A crença é que na maior parte é ou hypocrisia ou illusão. Aceitando estes desanimadores principios, não podemos julgar que as paixões se acendam com o mesmo impeto do que n'outras eras de menos illustração, e de mais sinceridade. Ora digam-me ingenuamente: na estatistica dos suicidios d'estes ultimos tempos, quantas mulheres conhecem que tenham usado do veneno, ou do asphixo em consequencia da morte ou infidelidade de um amante? quantos homens que se tenham ido despenhar dos arcos, e da muralha de S. Pedro de Alcantara, por serem illudidos n'um affecto que suppunham devorador e constante, ou porque a morte viesse ceifar em flor o objecto das suas mais queridas esperanças? A mulher quando é abandonada por aquelle que ama, guarda tres dias de nojo, e vae no fim d'elles ao passeio ao theatro ou ao baile, indemnizar-se da ingratidão imperdoavel, com o primeiro janota mais ou menos parvo que encontra. O homem quando lhe succede o mesmo, se é deputado faz um discurso em S. Bento, se é jornalista escreve um artigo de fundo no qual esgota o vocabulario das injurias, e se é poeta esfalta a musa n'alguns centos de hendecasyllabos ferozes e desembolados. Depois pega no chapeo e na bengala, dirige-se até o Matta, e lavra o epitaphio da paixão com alguns copos de *porto*, e verdadeiro *cognac*.

Ao mais que chega o romanticismo na nossa epoca é a tirar por justiça alguma donzella que tenha em horisonte certo numero de contos de réis; e em roubar esta ou aquella dançarina depois de previamente feitos os ajustes pecuniarios com a familia.

Apesar d'isto, ha poucos mezes ainda que se passou a aventura que vamos contar fiel e resumidamente aos leitores; aventura que é um protesto de romanticismo descabellado, contra a prosa vilã e grosseira dos nossos dias.

G... é a verdadeira inicial do nome da heroína; nome lindissimo, mas que desgraçadamente não podemos usar d'elle com receio de offender as conveniencias d'esta cidade de senhoras visinhas.

Os romancistas tem o direito de subministrar o baptismo como qualquer secular em caso apertado. Chamar-lhe-hemos, pois, Beatriz á protogonista da nossa incrivel historia, porque é um nome raro, e que mereceu as honras de inspirar o genio do immortal poeta da *Divina comedia*.

A semana passada, n'uma das tardes mais arden-tes que tem havido n'este verão, achava-se passeando a nossa humilde individualidade no espaçoso largo do Rocio.

Vimos parar a certa distancia um caleche, e a pessoa que vinha dentro fazer-nos aceno para que nos aproximássemos. Era o nosso amigo N. (que trataremos pelo nome de Carlos), conhecido n'esta cidade pelo seu elevado nascimento, pela sua rasoavel fortuna, pela sua agradavel presença, e pelo seu não vulgar talento.

—Vem dar um passeio até Bemfica, disse elle, abrindo a portinhola, e convidando-me a tomar um lugar á sua direita.

Acceitei de boamente o offerecimento e partimos.

—Que tens feito? Desde que chegaste da provin-

cia é a segunda vez que te vejo; estiveste em Cintra?

— Não, tenho estado sempre em Lisboa.

— Mas que é isso então? vens do campo, para te encerrares em casa na cidade?

— Pelo contrario, saio todos os dias, e vou a todos os sitios.

— Mas que sitios são esses, se me fazes favor, por que eu vou áquelles onde se reúne gente e não tenho tido o gosto de te ver em nenhum?

Sorriu-se como quem fosse apanhado n'uma ingenua fraude, e depois continuou:

— É verdade, não tenho frequentado o Marrare, o theatro, o Passeio, nem a casa da neve.

— O que equivale a dizer que não vaes a parte nenhuma onde se encontre algum conhecido. Estarás tu apaixonado?

— E se assim fosse o que dirias?

— Que era uma desgraça como outra qualquer.

— E a peor de todas as desgraças.

— Estou-te desconhecendo, disseste isso com um tom verdadeiramente serio.

— É porque é assim, oxalá que o não fosse.

— Se necessitas de um confidente conta comigo; a dôr gasta-se com o uso, segundo a opinião de todos os physiologistas.

— Quando não é bastante forte, ou bastante longa para devorar o coração da creatura.

— Pois estás devéras reduzido a esse estado? Qual é a mão d'onde partiu a frecha?

Olhei para elle, vi-o triste e preocupado. Arrependi-me das minhas ironicas observações, e disse-lhe:

— Sabes que sou teu amigo, e acreditas de certo que desejaria servir-te fosse no que fosse.

— Sei-o, e foi por isso que te pedi que me acompanhasses. Tu vaes comigo a casa de... onde está Beatriz, conheces?

— Perfeitamente.

— Onde ella está no ultimo periodo de uma doença mortal.

A voz tremia-lhe, e via-se que continha as lagrimas por um supremo esforço.

— Mas, meu amigo, ha quatro mezes ainda que a vi; não ha dois talvez que lhe fallei, e estava perfeitamente boa.

— É assim, mas que queres? foi uma desgraça, uma tremenda fatalidade; emfim saberás logo tudo; agora acompanha-me, vem comigo, não me sinto com animo de ir vê-la só.

Calei-me, pasmado do que ouvia: Carlos firmou a cabeça nas mãos, e continuámos no mais profundo silencio.

Chegámos a Bemfica, parámos á borda de uma d'aquellas azinhagas, apeámos-nos, e seguimos para o lugar destinado.

Agora o leitor vaé saber a historia, contada com escrupulosa religiosidade.

Continua.

BULHÃO PATO.

A SORTE.

Risonhos se deslizam docemente
No ente feliz os dias bonançosos,
D'alegria gosando os aureos dons,
Momentos desfructando venturosos!..

Quão diversos, porém, os d'esse infeliz,
Cujo mimo da sorte é só rigor?!

Em tristes penas sempre consumido,
Seu acerbo viver só causa horror?

Lastima o peito vê-lo debater-se
Luctando contra a vida procellosa,
Semelhante ao naufragio que nos mostra
Agonisante morte desditosa!..

É tão cruel a sorte no contraste,
Umaz vezes clemente, outras tyranna,
Que delectaveis gosos dando a uns,
Com outros apparece deshumana!

Pernambuco, julho de 1856

VIAGENS DE BECKFORD A PORTUGAL

Continuação.

CARTA XVI.

Excursão a Mafra.

27 d'agosto de 1787

Mettemo-nos na carruagem ás nove horas, apesar do vento que nos açoitava a cara. A distancia da quinta onde eu habito a este estupendo convento é de quasi quatorze milhas inglezas, e a estrada, que por fortuna nossa tinha sido concertada, atravessa um territorio descoberto e tostado, por onde se vêem espalhados escassamente alguns moinhos e logarejos. O retrospecto para os silvestres declives e pontegudas rochas de Cintra é bastante agradável; mas, quando olhávamos para diante não pede conceber-se coisa mais arida e descolorida. Graças ás mudas de cavalgaduras progredimos rapidamente e em menos de cinco quartos d'hora nos achámos junto á grossa parede, que abarca os oiteiros e fecha a tapada de Mafra.

Então descobrimos n'um relance de olhos as torres marmoreas e o zimbório do convento, realçado pelo espaço azul celeste do oceano, assoberbando as summidades das eminencias mattagosas, e variando a scena aqui e acolá as copas fechadas dos pinheiros e as verticaes pyramides dos cyprestes. Ainda não se viam os tectos do edificio e continuámos por algum tempo a costear as ondulosas ladeiras da tapada primeiro que as descobrissemos. Um piquete de leigos esperavam para abrir as portas da real cerca, tristemente ennegrecida pelo fogo que haverá um mez consumiu grande parte da matta e verdura. A nossa chegada deu terrivel rebate aos bandos de corças, que pacificamente pasciam n'uma encosta mais viçosa que as circunvisinhas; fugiram a toda a pressa e refugiaram-se n'uma brenha de pinheiros meio queimados.

Tendo rodeado a muralha do jardim grande, torneámos de subito o angulo, e se nos descobriu uma das vastas fachadas do convento, similhando uma rua de palacios. Não pretendo que o estylo do edificio seja digno da inteira approvação do conhecedor da genuina architectura grega; as portas e janellas são na maior parte de formas caprichosas, mas pelo menos bem proporcionadas. Admirava eu a ampla fileira d'ellas á proporção que ia passando rapidamente, quando ao virar do soberbo pavilhão quadrado que flanqueia o edificio, a principal frente se

patenteou á minha vista, na extensão de oitocentos pés. O centro é formado pelos porticos da igreja, ricamente adornados de columnas, nichos e baixos relevos de marmore. De cada lado duas torres, algum tanto semelhantes ás de S. Paulo em Londres, elevam-se á altura de quasi duzentos pés, e juntando-se a este enorme corpo o terminam á direita e á esquerda com seus magestosos pavilhões. As torres são esbeltas, graciosas, carregadas de pilastras notavelmente bellas; mas a sua figura em geral atrai muito para o estylo de pagode, carece de solemnidade; contém muitos sinos das maiores dimensões e o famoso carrilhão que custou alguns centos de mil cruzados, e tocava na occasião em que se participou a nossa chegada.

O arco e o lanço de escada em frente dos porticos do templo são admiravelmente espaçosos; e o zimbório que arrogante campeia acima do remate do frontispicio, merece gabos pelo que tem de ligeiro e elegante.

Alonguei a vista pela extensão ampla do palacio para ambos os lados até fatigar-se, folgando depois de retirar-a do esplendor deslumbrante do marmore e da confusão dos ornatos de esculptura, pondo os olhos na azulada vastidão do oceano distante. De frente d'esta colossal fabrica estende-se um grande terreiro nivelado, na extrema do qual se vêem dispersas algumas casas caiadas. Posto que estas de nenhum modo sejam mesquinhas, parecem, em contraste com a immensa mole que lhes fica proxima, como as barracas dos trabalhadores, pelas quaes as tomei á primeira vista, e não pouco me admirei quando ao chegar mais perto conheci as suas verdadeiras dimensões.

Poucos objectos fazem interessante a vista do terreiro de Mafra: védes os telhados de uma villa de pouca monta e as encostas arcieutas, além das quaes se divisa o mar sem limites: á esquerda feeham o horisonte as alcantiladas serranias de Cintra, e sómente á direita um pinhal na dilatada fazenda do visconde de Ponte de Lima dá algum pequeno refresco aos olhos.

Para nos abrigarmos do sol que dardejava com força sobre nossas cabeças, entrámos na igreja, passando por debaixo d'aquelle sumptuoso portico, o qual não poucas lembranças me dá da basilica de S. Pedro, sendo povoado de estatuas de santos, cinzeladas com extremo primor e delicadeza.

A primeira vista da igreja é magestosa. Dá logo nos olhos o altar-mór com duas magnificas columnas de marmore vermelho e variegado, ambas inteiriças e de trinta pés d'altura. Trevisani pintou magistralmente o retabolo, que representa S. Antonio no extasi de tomar nos braços o Menino Jesus, baixando á sua cella cercado da refulgencia da gloria.

Por ser amanhã festa de S. Agostinho, cuja ordem religiosa está actualmente de posse d'este mosteiro, appareceram todos os candelabros aureos e cirios acesos. Tendo-nos demorado poucos minutos no meio d'esta esplendida illuminação, visitámos as capellas collateraes, enriquecidas de perfectissimos baixos relevos, e com soberbos arcos de marmore preto e amarello, de ricos veios; e tão perfectamente polido, que reflecte os objectos como espelho. Nunca observei um conjunto de formosos marmores como o que resplandecia por cima, abaixo, e em redor de nós: o pavimento, a abobada, a cupula e até o lanternim do remate são forrados dos mesmos preciosos e duraveis materiaes; rosas e grinaldas de palmas de marmore, mui primorosamente lavradas en-

riquecem todas as partes do edificio. Nunca vi capiteis corinthios melhor modelados, nem esculpídos com a maior precisão e engenho do que os das columnas que sustentam a nave.

Satisfeita a nossa curiosidade pelo exame de varios ornamentos dos altares, seguimos o nosso conductor por um extenso corredor coberto á'sachristia, casa magnifica de abobada, apainelada com almofadas de algumas variedades mui bellas de alabastro e porfido, e alcatifada como a capella adjacente com grande fausto. Passámos por mais alguns repartiamentos e capellas, adornado tudo com igual pompa, até que nos achámos cansados e desgarrados como cavalleiros andantes no labyrintho d'um palacio encantado.

Começava a persuadir-me que não tinham fim aquellas espaçosas casas. O frade que nos precedia, homem de bom genio e velho baboso, tendo para si que nós não percebiamos palavra da sua lingua, tentava explicar-nos os objectos por signaes, e quasi que não dava credito aos proprios ouvidos perguntando-lhe eu em bom portuguez quando acabariamos de ver capellas e sachristias. O velho parecia muito agradado dos meninos, como elle nos chamava, a mim e a D. Pedro, e para nos dar occasião de estendermos as pernas caminhava com tal desembaraço que o marquez e Verdeil lhe desejavam por premio o purgatorio: é certo que avançámos em tão veloz escala que n'um ou dois minutos galgavamos de cabo a cabo um dormitorio de seiscentos pés de comprimento. Estes vastos corredores e as cellas que com elles communicam em numero de trezentas são todos como arcadas e de construcção sumptuosa e solida; cada cella, ou antes camara pois que sendo bastante espaçosas, de bom pé direito e com muita claridade, merecem tal denominação, é guarnecida de mesas e contadores de madeira do Brazil.

Exactamente ao entrarmos na livraria, o abbade revestido das vestes de sua dignidade veiu dar-nos as boas vindas e convidar-nos a jantar com elle no refeitorio amanhã, dia de S. Agostinho, o que parece ser um rasgado obsequio. Comtudo, julgámos conveniente recusar esta honra, receosos de que para gosar-a perdessemos pelo menos duas horas, e ficassemos meio cosidos pelo vapor de enormes vitellas, perús e leitões, de antemão engordados para esta occasião solemne.

A livraria é de prodigiosa extensão, nada menos de trezentos pés, o tecto de abobada d'uma forma agradável, bellamente estucado, e o pavimento de marmore branco e vermelho; não pode dizer-se o mesmo a respeito das estantes dos livros, são d'um desenho vulgar, toscamente executadas, e escurecidas por uma galeria que corre toda a sala d'um modo desengraçado. A collecção, que consta de perto de sessenta mil volumes, acha-se ao presente aferrolhada n'uma serie de quartos que tem serventia para a bibliotheca. Algumas das primeiras edições dos classicos gregos e romanos, muito bem conservadas e ricamente illuminadas me apresentou o padre bibliothecario; mas o nosso lesto conductor não me deu tempo de examinal-as.

Continua.

M.

O homem dado a facecias e jocosidades, querendo agradar a todos, difficilmente deixa de offender alguém.

Ladrão endinheirado nunca morre enforcado.

A actividade enriquece; a preguiça empobrece.

CHRONICAS MONASTICAS.

II

DA COMPANHIA DE JESUS.

Continuação.

A Companhia teve de lutar e muito com as indisposições que suscitou: em Coimbra não foi boa a opinião que a Universidade teve d'elles, e grandes traças se deram os padres para vencer a repugnancia que ali havia em admittil-os; aqui em Lisboa, grandes foram tambem as contestações para edificarem a casa professa de S. Roque, como adiante falaremos, e este collegio como vamos narrando.

Dada por el-rei aquella resposta ao senado, e confiados, portanto, no regio apoio, tentaram ver se conguiam fechar o muro com o campo do curral; mas o mesmo foi pôrem mãos á obra que tocar o sino das vigilantes religiosas de Sant'Anna um repique, como se fôra rebate para armas, e acudir novamente o padre confessor com as suas excommunhões, e os visinhos do bairro com pedradas tão furiosas que força foi segunda vez recolher e desistir da empresa.

A estes successos se seguiu a morte do cardeal rei, a qual teve logar em Almeirim no dia 31 de janeiro de 1580; as tentativas de D. Antonio, prior do Crato, para cingir a corôa; e a invasão das armas castelhanas, com o que andou o reino todo alborotado e revolto. Não era a quadra muito asada para os padres proseguirem no intento de murar a cerca, e por isso prudentemente esperaram que serenasse aquella inquietação.

Tranquillos mais os animos no que respeitava ás coisas do reino, entenderam os da Companhia que estariam tambem acabadas as resistencias do bairro do curral e do padre capellão das freiras de Santa Anna; porém enganaram-se, que por terceira vez aquelles acudiram logo a empecer-lhes a obra.

Voltaram-se então os padres para as armas da influencia.

Não está averiguado se influiram na nomeação de D. Pedro d'Almeida para presidente da camara, o qual D. Pedro d'Almeida era muito affeiçãoado á Companhia por ter tido tracto de amizade com aquelles religiosos em Damão, onde fôra capitão, e na India e mais partes da China que percorreu.

O que n'isto ha de certo é que succedendo ser então nomeado para o senado, a elle se socorreram os padres para vencerem aquella resistencia dos empregados do curral, que pela obrigação do seu serviço lhe ficavam dependentes.

Assim foi que D. Pedro d'Almeida, induzindo a uns, ameaçando a outros, aconselhando a todos, e dando o exemplo d'elle proprio tomar a enxada nas mãos para abrir os alicerces do muro da cerca, conseguiu que deixassem os padres em socego, e não mais se lhes oppoessem.

Ficavam só as excommunhões do capellão de Santa Anna, que desajudadas d'aquella força que as apoiava, foram caindo em descredito até cessarem completamente.

Proseguiram as obras no edificio, e resa a chronica que concorreu muito para crescerem com menos despeza ter-se achado na cerca do collegio uma pedreira de alvenaria, e excellente areia de caldeação.

Ainda no anno de 1612 progredia a fabrica, apesar de os padres e as classes já se haverem mudado

em 8 de novembro de 1593 do collegio velho para o novo.

O edificio dividira-se com corredores no primeiro pavimento superior onde estavam os cubiculos para morada dos religiosos, e no terreo se accommodaram as classes, em prolongamento da igreja, dando a entrada d'ellas para o pateo.

O desenho da obra dava outro logar ás classes e muito differente; porém diz o manuscripto que temos á mão para esta descripção: — «que os apertos de que os padres se valeram sempre, nunca lhes consentiu fabricar novo pateo para os estudos.»

A igreja primitiva d'esta casa era pequena e acanhada. Estava assente no lado opposto, onde se vêem hoje as ruinas do novo e sumptuosissimo templo que depois se edificou. Aehava-se já feito o collegio quando se tratou d'aquella primeira igreja. Aproveitaram os baixos do corredor superior, n'aquella parte em que ficava mais visinho ao terreiro, e por isso com mais altura do que tem ao poente do corredor, e no dito logar abriram uma porta para o terreiro assim da gente de fora ter entrada para a igreja; e dando a esta o sufficiente comprimento, ficou ella sendo de tres naves, assentando no topo do meio o altar mór, e no topo das outras duas naves collateraes, outros dois altares, e accrescentando mais dois nos lados do comprimento da igreja, com que veio a ficar composta de cinco altares.

Porém esta igreja era provisoria, esperando os padres terem meios de a substituir por um templo mais adquado á grandéza do edificio.

Estas esperanças foram satisfeitas pela piedade da condessa de Linhares D. Philippa de Sá, que foi a fundadora d'essa magnifica igreja que hoje vemos em ruinas no hospital de S. José, e cujos sumptuosos restos tambem veremos dentro em pouco desaparecer, para dar logar ás novas accommodações e officinas que a administração do mesmo hospital ali está edificando.

Mas para que se não percam de todo as memorias da sua sumptuosidade, e para vingarmos do tempo as obras humanas e a piedade de D. Filippa de Sá, aqui registamos as maravilhas d'essa esplendida fabrica que durou pouco mais d'um seculo, e que foi prostrada n'esse fatal terremoto e incendio do seculo passado, que destruiu tamanhas maravilhas e tamanhos primores d'arte.

A primeira pedra do novo templo foi lançada com muita solemnidade no primeiro de janeiro de 1613, concorrendo para maior lustre d'estes festejos os muitos e elegantes poemas latinos e portuguezes com que os mestres do collegio louvaram e engrandeceram a fundadora da obra.

Continua.

F. D. D'ALMEIDA E ARAUJO.

AVISO.

Tendo o editor do Panorama contractado com o sr. J. J. d'Andrade e Silva, a compra de 200 exemplares da Collecção Chronologica da Legislação Portugueza, assigna-se e vende-se esta, por conta do mesmo editor até ao numero dos 200 exemplares, em casa dos seus correspondentes.

Acham-se completos 7 volumes, que comprehendem a Legislação de 1603 a 1656.